

O Conto “Negrinha” Nas Linhas E Entrelinhas: Um Diálogo Entre Literatura E História

THE SHORT STORY “NEGRINHA” ON LINES: A DIALOGUE BETWEEN LITERATURE AND HISTORY

James Rios Oliveira **SANTOS**¹
Tiago **ANGELO**²

Resumo: O conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, publicado em livro do mesmo nome, em 1920, coloca em cena um recorte da sociedade pós-abolição do início do século passado. O texto, de valor literário, histórico e sociológico, contempla situações que possibilitam uma série de contribuições acerca do contexto ao qual se insere obra e autor. Com base nessas assertivas, o artigo tem o objetivo de verificar, de forma parcial, a situação histórico/social do Brasil à época apontada por meio do conto. Vale ressaltar que o estudo interdisciplinar deste artigo vai ao encontro de propostas pedagógicas inseridas no âmbito da História que, invariavelmente, sofre pela constituição de textos frios, diretos e cada vez mais sintéticos, o que na literatura se condensa de forma diversa, embora sem o compromisso com a verdade. O texto se apoia em Chartier (2009), Fausto (2010) e Bosi (2010), entre outros, para discutir as particularidades propostas.

Palavras-chave: Literatura. História. Contexto social. Pós-abolição.

Abstract: The short story *Negrinha*, written by Monteiro Lobato, published in a book with the same name, in 1920, put in scene a post-abolition side view of the beginner past century society. The text, as literary as historically and sociologically value, presents situations that enable series of contributions around the book story context and author. Based on those assertions, the article has as objective verify, partially, the social/historic Brazilian situation on that age pointed from this short story. It is noteworthy on the interdisciplinary study of this work that meets educational proposals in the historic ambit that, invariably, surfers for the constitutions of cold texts, directs and increasingly synthetics, what is condensed for a diverse form, thought without the compromise with the truth. The text is supported for Chartier (2009), Fausto (2010), and Bosi (2010), among others, to discuss the proposals particularizes.

Keywords: Literature. History. Social context. Post-abolition.

“A literatura é uma forma de conhecimento da realidade

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Endereço eletrônico: jamestimao@hotmail.com.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade do Norte Pioneiro. Graduado em Letras com habilitação em Literatura pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP, campus Jacarezinho). Especialização *latu senso* em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho. Endereço eletrônico: comunicacao@uenp.edu.br.

que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada”.
Salvatore D’Onofrio

O conto *Negrinha* de Monteiro Lobato³ é daqueles textos cujo vigor narrativo, a transparências dos fatos, o ardor do grotesco, o encadeamento dramático, ensejam uma boa reflexão sobre um dado período da sociedade brasileira e, por isso, tornou-se discussão neste artigo que se insere tanto no campo da literatura quanto no da História, ciências próximas, porém distintas, sob certo aspectos.

Recorrente na obra de Lobato são as narrativas e ensaios que se caracterizam pelo engajamento nas grandes questões nacionais da época em que viveu (1882–1948), verificável também no conto estudado neste artigo. O escritor é relacionado, para fins didáticos, no período do pré-modernismo (1902–1922), que não é entendido como uma escola literária, mas como uma fase de transição em que as tendências mais conservadoras conviviam com outras inovadoras, período em que se acentua na obra lobatiana o regionalismo⁴ e a denúncia da realidade brasileira.

Dentro desse último aspecto, Lobato escreveu o conto *Negrinha* publicado em livro homônimo, em 1920. Nessa obra, o escritor aborda a situação do negro após a abolição da escravatura e o preconceito racial, realidade verificável no contexto ao qual se insere o texto e o escritor.

Pelo menos três dimensões, ou mesmo estratos daquele ambiente social são perceptíveis e serão tratados neste artigo: o papel da Igreja Católica, personificada na figura do reverendo; a aversão da parte da aristocracia ao novo regime, representada pela “bondosa” dona Inácia e a pobre Negrinha e as criadas negras, retrato da situação do negro naquele momento pós-abolição.

Considerado o patrono da literatura infantil brasileira, Lobato foi, como acentua Bosi (2006, p.215), “antes de tudo, um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente. E esse pendor para a militância foi-se acentuando no decorrer da sua produção literária”. Noutro aspecto, entretanto, discute-se, comumente, a possibilidade de um possível posicionamento racista do escritor por meio de seus personagens ou mesmo em cartas como as publicadas na revista *Bravo* em maio de 2011, nas quais o escritor faz defesa de ideais eugenistas, isto é, de uma ideologia que pregava a superioridade dos brancos, pretensa que

³ José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, estado de São Paulo, em 1882. Formou-se em Direito e, em 1918, comprou a *Revista do Brasil*, veículo de comunicação que transformaria em instrumento de causa nacionalista. Fundou, posteriormente, a primeira editora do Brasil, a *Monteiro Lobato & Cia.*, e, em 1925, a *Companhia Editora Nacional*. É considerado o precursor da literatura infantil brasileira. Morreu dia 4 de julho de 1948, em São Paulo-SP, de acidente vascular cerebral.

⁴ O Regionalismo foi um dos aspectos marcantes da obra de ficção de Lobato por meio da qual o escritor registrou a realidade do interior do país, seus costumes, sua gente, imortalizando assim a figura do Jeca Tatu.

norteou o Nazismo liderado por Adolf Hitler na Alemanha e que dizimou milhares de judeus e negros em campos de concentração nos anos de 1940.

Essa discussão, no entanto, não cabe nas particularidades deste artigo que deixa tal enunciado a título de contextualização sobre o escritor que compõe sua obra alimentado por um espírito de época conhecido, na literatura, como *Zeitgeist*, o que possibilita colocar que Lobato é também fruto de seu meio, tangenciado pela textura de seu tempo o que se reflete em sua obra como concretização do que acentua Grossmann (1982, p.32), “O indivíduo comprime o coletivo, e o coletivo comprime o individual; desse esmagamento recíproco produz-se o fenômeno da criatividade artística e literária, que tanto preserva quanto dinamiza o individual e o coletivo”.

Adentrando as especificidades do artigo, o texto chega às conceituações teóricas sobre a relação História/Literatura relacionadas na primeira seção do estudo cujo objetivo é elucidar os aspectos mais singulares pelos quais se pode reconhecer o possível diálogo entre essas duas ciências e acentuar o valor dessa discussão para o enriquecimento da compreensão do contexto ao qual está circunscrito o conto. No segundo momento, o estudo relacionará uma breve síntese do conto “Negrinha”, e, logo após, traz alguns recortes do texto que serão comentados com o intuito de compreender, por meio das linhas e entrelinhas, a realidade histórico/social do Brasil à época.

Relação entre Literatura e História: Breve percurso

Literatura (ficção) e História (representação da realidade), como escreve Weinhardt (2002, p.1), apresentam, em suas narrativas, similitudes e singularidades, preservando, entretanto, “cada discurso [...] sua identidade”. Sobre a distinção entre essas disciplinas, escreve Chartier (2009) que as suas fronteiras estão claramente definidas caso se aceite a proposição de que a ficção é um fenômeno discursivo que mimetiza as situações reais, partindo da verossimilhança, mas sem o compromisso com verdade absoluta; enquanto a História, percorrendo o caminho inverso, pretende atribuir uma representação objetiva, adequada “da realidade que foi e já não é” (CHARTIER, 2009, p.24). Não obstante, o autor, pensando nos aspectos que podem fazer vacilar a distinção entre a Literatura e a História, aponta duas razões:

A primeira é a evidenciação da força das representações do passado propostas pela literatura. A noção de “energia”, que tem um papel essencial na perspectiva analítica do *New Historicism*, pode ajudar a compreender como algumas obras literárias moldaram, mais poderosamente que os escritos dos historiadores, as

representações coletivas do passado [...]. Uma segunda [...] reside no fato de que a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e das técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica. (CHARTIER, 2009, p.25-27)

Em termos elementares e breves para fugir de alguma controvérsia e simplificar o entendimento do texto, Eagleton (2003, p.02), esquivando-se de julgamentos que passam pelo crivo da ficção – em sentido *stricto sensu* – e da imaginação, define a Literatura por sua linguagem estritamente peculiar, corroborando as proposições teóricas do crítico russo Roman Jakobson, o qual define a disciplina como sendo uma transformadora e intensificadora da linguagem coloquial, cotidiana.

Noutro plano, trazendo uma colaboração para a concepção de literatura como documento histórico, Carreri (2003, p.13-14) acentua que a ficção literária não é um discurso acabado em si mesmo ou um produto perdido na poeira do tempo e do espaço, como enunciado que se explica e justifica-se unilateralmente, uma vez que traz, em seu bojo, de forma transparente ou representada, os elementos simbólicos concernentes ao autor e de seu grupo social, como também lembra Antonio Candido, na obra *Literatura e Sociedade*. Nesse viés, Carreri (2003) ainda postula que, direta ou indiretamente, as representações sociais estão, à sua maneira, inseridas na obra literária, e serão representadas a partir do momento em que um grupo de personagens “tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o impulso das forças sociais fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos e grupos” (CARRERI, 2003).

Compreendendo os aspectos mais elementares que podem tornar uma obra manancial de contribuição para o resguardo do tempo/espaço pretéritos e atentando para os detalhes de um texto que podem traduzir o espírito de uma época, escreve Lucas (1970, p.50 *apud* CARRERI, 2003, p.15) que “há personagens, grupos e classes retratados na ficção, cuja vida, bem ou mal lograda, numa ordem épica ou trágica, torna-se cabalmente representativa da situação histórica que a determina”. Nesse mesmo viés, cabe ressaltar que os conflitos intrínsecos às questões de ordem social – e pode-se acrescentar também a de política – são transpostos nitidamente para discurso literário, seja por um ângulo positivo, seja por um ângulo negativo.

Após o breve percurso e compreendido, pelas concepções dos vários autores, a articulação, a interação e a complementação que existe entre História e Literatura, o artigo segue, na sequência, com uma síntese do conto para, posteriormente, verificar, mais de perto, as peculiaridades desse texto.

O conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, narra a triste e comovente história de uma órfã de sete anos, criada alheia do que sejam cuidados e amor, sobre uma esteira e trapos imundos na casa da cruel ex-senhora de escravos dona Inácia.

O texto, que remonta aos anos de pós-abolição, traz a mórbida e cruel realidade à qual é submetida a pobre Negrinha, criança quase sem vida social, pois, em nenhum momento da diegese, recebeu um nome digno, como todos os seres humanos – a não ser o próprio apelido que dá título à obra. Ela, conforme acentua Bignotto (2010) não possui família – tem uma dona que não a afere nenhum tipo de cuidado ou zelo. Sua cor não é precisamente definida – é uma mulatinha escura e, por isso, não tem um lugar cativo dentro da cozinha, da casa e, principalmente, naquela sociedade pós-abolição. “Não é à toa que parece “um gato sem dono” - sua condição é quase a mesma de um animal. Aprendeu a andar, mas quase não andava” (BIGNOTTO, 2010, s.p.).

Tudo isso é possível perceber porque o narrador onisciente e onipresente expõe os sentimentos mais pessoais das personagens principais e, desta forma, fotografa a história da pequena, magra e atrofiada Negrinha – a criança maltratada, violentada nos seus direitos humanos com crueldade pela “caridosa” dona Inácia. “Num dezembro qualquer”, entretanto, recebendo dona Inácia a visita de umas sobrinhas que traziam com elas, brinquedos, em especial, uma boneca loura dos olhos azuis, Negrinha percebe, então, extasiada, a existência de outro mundo como bem descreve Bignotto (2010):

A imaginação de Negrinha, que só ousava acompanhar os movimentos de um relógio-cuco da patroa, liberta-se durante o ato de brincar. E irrompe de forma tão forte em seu “doloroso inferno” que, quando as meninas vão embora e a vida volta “ao normal”, Negrinha vai definhando e morre em sua esteirinha, rodeada de “bonecas, todas louras, de olhos azuis”. Sua humanidade, restaurada pela imaginação, só encontra liberdade na morte. Antes de tudo se esvaia “em trevas”, a imaginação, na forma mais dolorosa de delírio, a rodeia de brancas bonecas e anjos de olhos azuis. (s.p. – grifos do autor)

A dramaticidade da vida da pequena que morre, “como um gato sem dono”, pela tristeza infinita de perceber o inferno após conhecer o céu, realidade de muitas crianças pelo mundo; a hipocrisia social, na pessoa de dona Inácia; e também a falta de articulação da Igreja enquanto instituição com respeito à escravidão será detalhada no item seguinte.

A realidade por meio da ficção: Um diálogo entre Literatura e História

Antes de qualquer fundamentação mais elaborada do conto *Negrinha*, é relevante ressaltar aqui, por meio das considerações de Bosi (2006), a indiscutível importância e a magnitude de Lobato para a literatura brasileira: “Lobato era escritor de outro estofado: sabia narrar com brilho um caso, uma anedota e, sobretudo um desfecho de acaso ou violência” (BOSI, 2006, p.216-217).

Corroborando com a mesma ideia de Alfredo Bosi, o crítico literário Afrânio Coutinho (1971) argumenta que o autor pré-modernista foi, na esteira do conto regional brasileiro, um grande expoente do gênero, quer por sua originalidade, quer por sua estilística caldeada “em uma língua de longo trato com os clássicos da mais pura fonte portuguesa, a que mistura o saboroso linguajar do caboclo paulista” (COUTINHO, 1971, p.47).

Entendendo, pois, o valor da literatura de Monteiro Lobato por meio da pluralidade de seres criados por ele, é possível compreender um pouco mais das entranhas de uma época maculada por resquícios de um duro e obscuro passado de escravidão, entre tantas outras possibilidades. Como é o caso do conto *Negrinha*, por exemplo.

Quanto a este, a análise do mesmo permite um olhar mais acurado sobre o período da pós-abolição, pois, embora o texto de ficção não tenha compromisso com a representação adequada da realidade como acentua Chartier (2009), fatos que poderiam passar sem maiores atenções pelo estudo da História, na Literatura são trazidos a lume intensificado e que, no contexto desse conto, são trazidos pela vida lúgubre e miserável da pequena.

Poder-se-ia pensar que tal miséria advém da situação histórica e social herdada pela personagem, visto que, de acordo com o historiador Boris Fausto (2004, p.217) a extinção da escravidão foi um processo gradual, encaminhada por etapas até os anos finais do século XIX, mais precisamente nos idos de 1888, e, conseqüentemente, o fim e os males da escravidão ainda deixaram sequelas naquela sociedade. Quanto às etapas às quais se referem o autor, as mesmas dizem respeito às leis que precederam a Lei Áurea, como a do Ventre Livre (1871) e dos Sexagenários (1885) e outras manifestações pelo país.

Norteados por um contexto histórico em que o Brasil se percebia fragilizado por não poder contar com a lealdade de grande parcela de sua população; e também o receio de uma insurreição dos escravos brasileiros pela aristocracia, dentre outros motivos, culminaram na lei que pôs fim à escravidão, mas o fato não agradou a classe dominante como afirma Fausto (2004):

A classe social dominante [...] via no projeto um grave risco de subversão da ordem. Libertar escravos por um ato de generosidade do senhor levava os beneficiados ao reconhecimento e à obediência. Abrir caminho à liberdade por força da lei gerava nos escravos a ideia de um direito, o que conduziria o país à guerra entre as raças. (FAUSTO, 2004, p.218)

Por toda essa realidade histórica e, principalmente, pela conjuntura social de um pensamento ainda circundante é possível explicar os sentimentos de dona Inácia, muito embora tais explicações não justifiquem e nem validam as reações desumanas que tinha para com Negrinha.

Um dos fatos que podem explicar os sentimentos dela é porque ainda não se acostumara à nova ordem social, pois, segundo o narrador, “a excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças”, pois “vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau” (LOBATO, 1983, p.3). E mais: ela “nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual, a branco e qualquer coisinha: polícia”. (LOBATO, 1983, p.3 - grifo e parênteses nossos).

Ora, neste contexto, e a partir do olhar de dona Inácia, é possível explicar o porquê da sua maldade. Como quase todo senhor de escravo, ela não via na menina negra um ser humano, uma pessoa igual a ela – com ‘alma’, no sentido religioso dado ao termo, com sentimentos e muito menos com direitos. Sendo assim, na condição de animal, no caso nem de estimação, a menina servia como alvo do seu mau humor e maldade, apesar de que, no papel, “o 13 de Maio (ter lhe tirado) das mãos o azorrague” contudo, na prática, “não lhe tirou da alma a gana” (LOBATO, 1983, p.5).

Diante do que é expresso no texto, verifica-se o retrato de uma parcela daquela sociedade que, mesmo com a instituição do fim da escravidão, não fora capaz de superar a visão de mundo que tinha, nem se desprender das ideologias que norteava o regime escravista, fato condensado em dona Inácia, senhora de escravos, imagem da classe social dominante.

Por outro lado, mas ainda se pensando nos costumes da época, não há como afirmar se a intenção do escritor está na mesma instância da intencionalidade que obra se apresenta. Entretanto, o narrador do conto faz um recorte que, aparentemente, demonstra, de certa forma, uma representação da visão de mundo do autor, Monteiro Lobato, isto é, uma visão do que ele percebia daquela sociedade de brancos governada por brancos, restando ao negro, ainda que não fosse mais escravo, a submissão, como é percebido pela representação das criadas negras e de Negrinha no conto.

A observação do texto permite ainda entender, embora aconteça num segundo plano, a relação existente entre a Igreja, representada pelo reverendo, e a sociedade burguesa representada por dona Inácia. Mas, para isso, é preciso antes ter ciência de que durante o período imperial

(1822-1889) a Igreja, até mesmo por conta do padroado⁵, não assumiu, enquanto instituição, a abolição da escravidão, ainda que muitos bispos, como os do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará, fossem abolicionistas confessos. Dessa forma, nota-se uma ação ambígua da Igreja nesse período, ainda que ela tenha dado suporte à ação da Princesa Isabel, condecorando-a, posteriormente, com a notável comenda Rosa de Ouro, oferecida pelo papa Leão XIII, pelo ato de abolir a escravidão. Neste contexto, portanto, é que podemos entender a relação existente entre a Igreja e a sociedade burguesa mencionada acima. Ou seja, dentro do conto, fica claro o posicionamento da Igreja pelo olhar do narrador, ou mesmo, pelo que percebia Lobato daquela relação entre clero e aristocracia. Na visão do narrador (ou do autor implícito, na teoria do inglês W. Booth, que seja), visão irônica, diga-se de passagem, dona Inácia era uma

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “*dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral*”, dizia o reverendo. (LOBATO, 1983. p.3 - grifo nosso)

Sabe-se que a obra literária permite leituras plurais e, considerando essa assertiva, é possível focalizar ainda no conto, pelo relacionamento opressor e desumano de maus-tratos de dona Inácia para com Negrinha, uma possível cena comum àquele período histórico em relação à infância, fato ainda extremamente comum nos dias atuais como se lê no fragmento a seguir de um artigo de Aquino publicado no sítio da revista *Época*, em abril de 2010:

No Brasil, cerca de 18 mil crianças são vítimas de violência doméstica por dia, segundo a Sociedade Internacional de Prevenção de Abuso e Negligência na Infância (Sipani). Parentes próximos – mães em primeiro lugar, pais, madrastas e padrastos – causam 80% das agressões físicas contra crianças. De hora em hora, morre no mundo uma criança queimada, torturada ou espancada pelos pais ou responsáveis, segundo o Unicef, Fundo das Nações Unidas para a Infância. (AQUINO, 2010, s/p.)

Aquino (2010) ainda menciona em seu artigo de opinião as experiências de um médico legista aposentado:

Mais chocantes que qualquer pesquisa são as cenas que o médico Jorge Paulete, legista aposentado e professor de medicina legal, testemunhou: “Quanto mais deslavada a mentira dos pais, pior. Eu me lembro de uma criança de 2 anos toda quebrada. E a mãe dizia: ‘O senhor sabe, é que ela tentou reparar na geladeira para

⁵ Tratado entre a Igreja e os Reinos de Portugal e Espanha, pelo qual a Igreja Católica delegava aos monarcas o poder de administrar as Igrejas de seu domínio.

pegar o pinguim'. Vi criança com bolhas horríveis na boca, porque os pais, irritados com um palavrão, tinham esfregado malagueta crua nos lábios. Vi criança queimada porque tinha feito xixi. Os pais resolveram sentá-la na chapa do fogão para ela aprender a nunca mais fazer isso. (AQUINO, 2010, s.p.)

As cenas horripilantes, terríveis e brutais desses curtos fragmentos denotam a realidade pela qual passam centenas de crianças todos os dias, violência já literariamente denunciada através das atitudes de dona Inácia no conto de quase um século atrás, embora em um contexto e situação específicos.

Considerações finais

Negrinha é um conto pungente, intenso e que está no passado/presente da história do Brasil por duas razões: o passado é o próprio conto sobre a vida de Negrinha, menina que traz na pele as cicatrizes da dolorosa existência e que registra a contextura desumana daquele momento histórico. O presente é essa lamentável condição de se saber que a vida de outras(os) tantas(os) negrinhas/negrinhos/branquinhos/pardinhos/amarelinhos – crianças – são ceifadas, cerceadas, destruídas e imoladas todos os dias na sociedade.

Diante dessa mistura de ficção e realidade em que a fantasia do escritor parece mesmo uma notícia de jornal e a notícia, uma elaboração surreal de algum escritor, a leitura integrada entre Literatura e História possibilita um diagnóstico mais substancial de uma realidade, fato que viabiliza o olhar com o intuito de uma comunicação mais estreita entre essas ciências que juntas podem gerar uma terceira razão e compreensão de um mesmo fato, ou mesmo acrescentar na compreensão de um registro escrito em livros ou guardado na memória. Uma terceira e, por que não?, quarta, quinta... razão e compreensão de um mesmo fato.

Em face ao exposto, este artigo é, portanto, uma breve reflexão sobre o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, e que em hipótese alguma teve a intenção de esgotar o assunto que excede os limites entre duas disciplinas: a Literatura e a História.

Referências

- AQUINO, Ruth de. *Isabela e a culpa coletiva*. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,EMI130782-15230,00.html>>. Acesso em: 13 nov. 2011.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros em São Paulo*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato*. 2010. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio24.html>>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARRERI, Marcio Luiz. *Utopia no front: história e filosofia em Oswald de Andrade 1945 – 1954*. Assis, 2003. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, campus de Assis. Faculdade de Ciências e Letras, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana S.A. 1971.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. [Tradução de Cristina Antunes]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- GROSSMANN, Judith. *Temas de Teoria da Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1982.
- LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- WEINHARDT, Marilene. *Ficção e história: retomada de antigo diálogo*. Curitiba, 2002. Ed. UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/18338/11922>>. Acesso em: 10 de nov. 2011.

Chegou: 28-02-2015

Aceito: 08-04-2015